



LÁ VEM A MORTE

Nicolle Pogere*

Odeio quando alguém morre, e não é por conta da morte em si, mas pela reação das pessoas a ela. Sempre achei bizarro o jeito que as pessoas lidam com a morte. Seria clichê dizer que elas só se importam com as outras quando uma delas morre, mas como quase todo clichê, é a mais pura verdade. Mas não é só isso: existe um quê na morte que impulsiona as pessoas a enxergarem o que de bom havia no outro que acaba de morrer. É como se, por mais que a pessoa tenha sido um carrasco, um criminoso ou um egoísta, quando ela morre é preciso cavar até o último centímetro do fundo do poço para enaltecer a parte em que a pessoa foi boa; afinal, ela morreu! *Olha que coisa cruel aconteceu com ela, não é?! Quem sabe até uma das mais cruéis!* Pode ter certeza de que sua vizinha, que faz fofoca sobre sua vida dia e noite, também fofocará sobre sua morte quando você partir, mas com um toque de pena e, se você tiver sorte, até culpa.

Não importa, é batata! Quando você morrer é quando as pessoas mais vão te enxergar. Vai ser quando aquela sua conversa profunda com o marido que ele fingiu não entender, vai ser entendida; quando a música que você mandou para o seu amigo há meses atrás e ele não ouviu, vai ser ouvida; quando aquele livro que você deu de presente para sua tia, vai ser lido... essas coisas, sabe?

Quando eu tinha 10 anos, dona Carol, nossa vizinha, chegou aos prantos na minha casa para contar que Arnaldo, seu irmão, tinha falecido; bom, morrido, porque eu odeio a palavra falecer e odeio o quanto as pessoas têm medo da palavra morrer. Quando dona Carol estava chorando, sentada na cadeira da mesa da cozinha, ela repetia várias vezes: *“Ele era um homem tão bom... quer dizer, ele era grosseiro e estúpido também, é verdade... mas, no fundo, no fundo, sempre teve um grande apreço pela família e pelos amigos. Quantas saudades vou sentir! Queria ter dito a ele o quanto eu o amava quando visitei ele no hospital!”* Bom, eu não gosto de ouvir nada sobre esse papo de morte, mas eu estava no meu quarto e escutei todas essas atrocidades ditas pela dona Carol.

E por que atrocidades? Bom, nem vou comentar sobre o clássico “eu deveria ter dito a ele o quanto eu o amava enquanto estava vivo” porque isso já está batido demais; se você quiser ler isso, recomendo que pare a leitura agora mesmo e vá buscar qualquer texto escrito no romantismo. Aqui, vou me apegar a falar sobre o quanto buscamos algo relevante e essencialmente bom em alguém quando a pessoa morre, e o quanto os outros defeitos, por assim dizer, são minúsculos perto das qualidades. *Uma grande bobagem!* Todo mundo tem defeitos e qualidades, e um não anula o outro, muito menos na hora da morte.

* Nicolle Pogere, 25 anos, graduanda em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa. Professora de língua portuguesa, redatora e escritora de contos e crônicas nas horas vagas. Acredita que só a educação de qualidade muda a vida. E-mail: npogere@gmail.com.

Porém, as pessoas insistem nisso porque parece ser o certo a fazer diante de uma coisa tão horrível como a morte.

E digo mais: se você vai a um enterro ou alguém te conta que tal pessoa morreu, você é obrigado a ficar triste também; caso contrário, você será indelicado, infeliz, uma pessoa ruim. As pessoas não lidam bem com a morte, mas querem fingir que sim, então vão fazer com que você se sinta mal porque é a única forma de controle que elas terão sobre a situação.

É! A morte é um assunto delicado para as pessoas, um assunto que elas não entendem, mas querem muito entender; não à toa, são tantas as perguntas ao redor desse assunto: quando a gente morre, acaba tudo? Existe vida após a morte? Quando eu morrer, vou ver meu avô que morreu? São milhares de perguntas e nenhuma delas têm resposta.

Isso atíça o ser humano, faz a gente ficar descontrolado!

O medo faz a gente lidar com a morte de forma cautelosa. Talvez seja por isso que existe essa busca incessante de exaltar as qualidades do outro quando ele morre; afinal, as pessoas podem se perguntar: *“E se essa pessoa que vivo falando mal acabe indo para um lugar ruim quando morrer? A culpa será minha?”*, ou pior, *“Vai que a pessoa está me vendo - dizem que os mortos estão entre nós - e, ao saber que pensei tal coisa ruim a respeito dela, venha me atormentar?”*, ou pior ainda, *“E se quando a gente morrer acabar tudo, será que essa pessoa saberá o que eu falei dela naquele dia X?”* Muitas vezes, nem é sobre o morto, é sobre nós mesmos.

A morte é um catalisador de incertezas. De novo, faz a gente ficar descontrolado! Seria sádico da minha parte dizer que essa é a parte engraçada? Talvez, mas também seria narcísico da sua dizer que tudo que está escrito aqui é uma grande mentira. A morte é ruim? Talvez, mas ela só assusta quando sabemos ou sentimos que não estamos vivendo o suficiente. E isso é triste.

No meu epitáfio, por favor, escrevam: *Joana. Muitos anos. Apenas mais uma das milhares de vidas que se acabaram hoje.* Obrigada - e será que até breve?